



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de comemoração do aniversário de 110 anos da Klabin**

Telêmaco Borba-PR, 14 de abril de 2009

Quero, primeiro, cumprimentar o nosso companheiro Orlando Pessuti, governador em exercício do estado do Paraná,

[Quero] cumprimentar o meu companheiro de governo Paulo Bernardo, ministro do Planejamento, [Orçamento] e Gestão,

[Quero] cumprimentar o senhor Antônio Anibelli, presidente em exercício da Assembléia Legislativa do estado do Paraná,

Os deputados André Vargas, Angelo Vanhoni, Ricardo Barros, Rodrigo Rocha Loures e o deputado Takayama,

Quero cumprimentar o Eros Araújo Borba e sua digníssima esposa,

Quero cumprimentar o senhor Miguel Lafer, presidente do Conselho de Administração da Klabin,

Quero cumprimentar o senhor Reinoldo Poernbacher, diretor-geral da Klabin,

Quero cumprimentar o ex-ministro Celso Lafer, em nome de quem cumprimento os demais conselheiros da Klabin,

[Quero] cumprimentar o Rodrigo Costa da Rocha Loures, presidente da Federação das Indústrias do estado do Paraná, aqui presente,

Quero cumprimentar a nossa querida maestrina Jucélia Ribeiro, do Coral das Meninas Cantoras da Klabin,

Quero cumprimentar o Márcio Luís Martins, em nome de quem cumprimento os demais trabalhadores da Klabin,

Não se assustem, porque eu não vou ler o discurso.

Primeiro, eu queria dizer aos diretores da Klabin, aos conselheiros, a



razão pela qual eu vim hoje participar desta comemoração dos 110 anos da Indústria. É para pagar uma dívida de quem não pôde vir em setembro, quando eu fui convidado para inaugurar esta nova máquina de produzir este papel, que eu nem sabia que era produzido aqui quando tomava alguma coisa, algum suco. Mas sabendo que esta máquina é a primeira máquina montada desde 1996 no mundo, numa demonstração de que a Klabin não se assustou com a crise e resolveu entender que a melhor solução para enfrentar a crise era continuar fazendo os seus investimentos. A crise, como qualquer coisa que acontece na nossa vida, pode ser muito mais passageira do que a gente imagina.

A segunda coisa é porque eu tenho andado pelo Brasil, visitando não apenas as coisas ruins, as coisas que nos desgostam, mas visitando os bons exemplos das coisas que acontecem no Brasil. E não é qualquer presidente da República ou qualquer cidadão que pode ter o privilégio de visitar uma fábrica que completa 110 anos de vida. Para uma fábrica sobreviver 110 anos de vida, a gente pode falar em uma grande gestão, a gente pode falar em diretorias altamente competentes, em grandes profissionais, mas, sobretudo, a gente tem que falar que se os pioneiros da construção desta fábrica não a tivessem no bico da chuteira, como o jogador de bola tem o seu time e a sua partida, possivelmente não tivesse resistido a tantas crises e a tantos pacotes econômicos que o Brasil já experimentou e que não deram certo.

Eu tenho a convicção de que metade do sucesso das coisas que acontecem no mundo é da competência técnica, profissional, da boa gestão. Mas eu tenho convicção de que os outros 50% são do amor dedicado àquelas coisas em que as pessoas acreditam e resolvem trabalhar para elas existirem. E isso me fez vir aqui para encontrar companheiros, como o senador Pedro Piva, o não menos importante e seu filho Horácio Piva – companheiro com quem tive a oportunidade de conviver quando era presidente da Federação das Indústrias de São Paulo – e gente que ao longo da vida eu aprendi a respeitar.



Pessoas que são exemplo, pessoas que dedicaram a vida a uma causa, acreditaram nela e venceram, e pessoas que ainda continuam com as mesmas ideias de acreditar neste país, que tinham tantos anos atrás. Isso me fez vir aqui hoje, na comemoração desses 110 anos da Klabin.

No momento, o que nós precisamos, todo santo dia, fazer quase como uma profissão de fé é reafirmar as nossas convicções no País, as nossas convicções nas coisas em que nós acreditamos, as nossas convicções nos nossos empresários, nos nossos trabalhadores, porque se a gente não fizer assim, a gente vai se deixar abater pela primeira notícia negativa que ler pela manhã.

O dado concreto é que o Brasil experimenta um momento singular na sua história em vários aspectos e, possivelmente, não por mérito meu ou por mérito do meu governo. Alguns dizem que é por sorte, mas eu não acredito que Deus ajude a pessoa só por ela ter sorte. A pessoa tem que trabalhar um pouco e se esforçar porque, se não suar a camisa, eu acho que Deus não vai privilegiar quem não suar a camisa e quem não trabalha de verdade.

O Brasil vive – e eu corro o risco de dizer isto na frente de alguém que foi ministro das Relações Exteriores do País, o ministro Celso Lafer – o seu mais importante momento de respeitabilidade política e econômica no mundo. Não acredito que o Brasil tenha vivido um outro momento em que muitas coisas importantes confluem para fazer com que a respeitabilidade ao Brasil aumente cada vez mais. Alguns poderiam dizer que isso aconteceu por acaso, mas a verdade é que se nós não tivéssemos feito os sacrifícios que deveríamos fazer, se tivéssemos gasto o tanto que as pessoas queriam que a gente gastasse em outros momentos, certamente nós não teríamos a situação que o Brasil vive hoje.

É por isso que quando surgiu essa crise, eu fiz questão de dizer que essa crise não seria, para o Brasil, o que ela seria para os Estados Unidos ou o que seria para a Europa, ou o que está sendo para o Japão, porque o Brasil



tinha os fundamentos da economia mais sólidos, o Brasil tinha reservas em potencial para garantir as nossas exportações, e o Brasil tinha um mercado interno ávido. Diferentemente do mercado interno da Europa ou dos Estados Unidos, nós tínhamos aqui um mercado interno ávido por consumir as coisas que nós produzíamos.

Eu, às vezes, chego a pensar que 50% do resultado da crise é um pouco de pânico que tomou conta da sociedade. Quando conversei com o presidente Obama, no encontro que tivemos em Washington, eu dizia para ele que se não houver um movimento mundial para convencer o consumidor a voltar a acreditar no seu próprio poder de consumo e comprar aquilo que as pessoas precisam comprar para a indústria produzir e para o comércio vender, a economia do mundo inteiro para. Não é uma coisa difícil, não é uma coisa muito acadêmica, é uma coisa muito prática. Nós precisamos fazer a sociedade acreditar que ela pode comprar aquilo que é essencial para ela sobreviver sem precisar se endividar ou sem precisar colocar em prática no Brasil um *subprime*, que foi o que levou à crise imobiliária americana.

Pois bem, nós tivemos um problema muito sério no mês de dezembro, e não havia nenhuma razão de ter, meu caro Horácio, nenhuma razão de ser. A brechada na economia no mês de dezembro não tem explicação, como não teve explicação o petróleo chegar a US\$ 150 o barril ou a soja explodir o preço no mês de maio do ano passado. São fenômenos à procura de explicação, ainda, do por quê isso aconteceu. Poderíamos, de forma simplista, dizer: as empresas estavam muito estocadas e as empresas pararam para desovar os seus estoques.

Nós tomamos todas as medidas que entendíamos que precisavam ser tomadas. Só não pudemos tomar uma, que não dependia de nós, que era restabelecer o crédito internacional. O dinheiro desapareceu, sobretudo depois da quebra do *Lehman Brothers*, nos Estados Unidos. Ninguém jamais imaginou que um banco daquela magnitude pudesse quebrar, como ninguém jamais



imaginou que o *Citibank* pudesse ficar na pobreza que ficou. A verdade é que existia um grupo de seres humanos que se achavam mais espertos do que os outros e acharam que podiam ganhar mais do que deveriam ganhar, especulando, vendendo papéis, sem produzir uma bobina dessas, sem produzir uma caneta, sem produzir um carro, sem produzir um sapato, uma camisa. Ou seja, era a venda de papéis, mais papéis e mais papéis, trocando de mãos e ainda pagando bônus para pessoas que afundaram essas empresas.

Graças a Deus, há sempre males que vêm para bem. Eu não acredito que outro presidente da República, na história contemporânea do Brasil, tenha tido a felicidade de participar da reunião que eu participei em Londres, a famosa reunião do G-20, nos últimos dias. Ali, foi a primeira reunião em que os países ricos estavam humildes, em que os países ricos não tinham certeza do que fazer, em que eles já não estavam mais querendo dar conselhos. O Lafer conhece bem essa história. Não faz muito tempo, eu recebi um amigo meu, presidente de um banco grande na Europa, ele numa crise lascada, ele se senta comigo e começa a dar conselho do que fazer no Brasil. Eu falei: não dá para você cuidar da Alemanha, não? Não dá para você resolver o problema da Alemanha, que é mais grave do que o nosso, que é um problema mais sério?

Então, nessa reunião eu cheguei a dizer que na próxima reunião do G-20 seria importante que cada país, ao pedir a palavra, começasse a contar a sua situação interna, como está a sua indústria, como está o controle do seu sistema financeiro, como está a geração de empregos, como está o comércio varejista, para a gente poder ter uma realidade das coisas que acontecem. Durante séculos, eles aprenderam a dar conselhos para nós, e eu disse para eles: nós não queremos... É a primeira vez que o Brasil está se sentando em uma reunião em que eu não estou precisando de dinheiro de vocês. A única coisa que eu quero é que vocês recuperem a economia de vocês. Se vocês recuperarem a economia de vocês, vocês já estarão fazendo um bem enorme



ao chamado mundo emergente ou aos chamados países Bric's - Brasil, China, Índia e Rússia.

Então, essa reunião, eu acho que foi a mais produtiva das reuniões - pelo menos do meu mandato - de que eu participei, porque ali nós tínhamos que tomar decisões: se a gente vai permitir que o sistema financeiro internacional viva de especulação ou se ele vai se ligar umbilicalmente ao setor produtivo, a quem gera riquezas e a quem gera empregos neste país. Por incrível que pareça, todos os presidentes da República concordaram, todos, sem distinção. Quando nós falamos que era preciso controlar os paraísos fiscais - que a gente pensava que ia ter resistência - todos concordaram que é preciso a gente dar um fim nesse tal de paraíso fiscal. Paraíso fiscal é esse que disse esse menino que falou aqui em nome dos trabalhadores, paraíso fiscal é uma empresa que acredita no seu futuro e no futuro dos seus trabalhadores, e tem a coragem e a decência de formar um menino para produzir conhecimento para a própria empresa crescer mais e gerar mais conhecimento para outros jovens.

Da mesma [forma], houve consenso de que a gente deveria controlar a alavancagem do sistema financeiro. Eu fico me lembrando, quanto tempo, eu era... Eu passei 20 anos da minha vida, talvez alguns de vocês mais do que eu... Onde tinha um ato público, eu estava com uma faixa "Fora daqui o FMI". Vinte anos. Eu nem conhecia, mas eu xingava tanto o FMI que... Talvez ele nem tivesse a quantidade de culpa que eu achava que ele tinha, mas o dado concreto é que ficou simbolizado que o FMI era a desgraça deste país, porque era uma dívida impagável, quanto mais a gente pagava, mais a gente devia. De repente eu me vejo, meu caro Piva, na condição de prestador de dinheiro para o FMI. Eu brinquei, mas eu brinquei de verdade. É uma coisa orgulhosa você saber que o Brasil saiu da condição de devedor para a condição de credor. Nós saímos da condição de um país que vivia endividado para um país que pode chegar para o FMI e falar "vocês querem US\$ 10 bilhões



emprestados? Nós emprestamos”. E emprestamos sob condições, também não é dando dinheiro à toa. É para que esse dinheiro seja utilizado para os países pobres que necessitam, para ajudar a alavancar a economia desses países. Não é para eles fazerem o que eles querem. Há uma flexibilidade...

Horácio Piva, se você estivesse na reunião, você que deve ter conversado muito com aquele pessoal do FMI que vinha para o Brasil, você não sabe que disposição de virar democrático que tem o FMI agora, participar definitivamente, se envolvendo, porque isso foi uma lição. Foi uma lição para todos nós, e sobretudo uma lição para aqueles que, nos últimos 50 anos, aprenderam a ser superiores, a dar palpite na nossa vida sem que a gente pedisse.

Eu me lembro que eu era candidato... Essa é a vantagem de perder muitas eleições: você perde muitas eleições, você aprende muitas coisas. Isso, para quem quer aprender com a derrota. Quem fica mal humorado, nervoso, com ódio da vida, não aprende nada.

Eu viajei muito o mundo e o que me deixava mais indignado é que se chegava em Londres, e sempre marcavam uma reunião: você vai conversar com o setor financeiro não sei de onde. Toca eu ir [para] lá. Aí juntava um bando de *yuppies*, de meninos bem formados, de 25, 26, 30 anos... Não pela pouca idade, é porque eles nunca tinham vindo ao Brasil, nunca tinham passado perto da Bolívia, não sabiam onde eram a Colômbia, mas davam palpite nas coisas do Brasil, que era impressionante.

Vocês sabem que eu não me conformo, como cidadão... Todas as vezes eu acompanho o risco-Brasil. Então, eu fico pensando o seguinte: os Estados Unidos, numa quebradeira desgraçada, e o risco americano é zero. Nós, num esforço condenado para a economia continuar crescendo, e o nosso risco, de vez em quando, avaliado por uma agência de lá, é maior. Eu queria pedir [perguntar] para os empresários: qual o país do mundo, hoje, que é um porto seguro mais do que o Brasil, para investimentos? Quantos países no mundo



têm as condições do Brasil para investimentos? Entretanto, as agências que avaliavam antes, continuam avaliando agora, e de vez em quando ele sobe e ele desce, ele sobe e ele desce. Eu não conheço ninguém que avalia o Brasil. Na verdade, a gente deveria juntar um grupo de empresários brasileiros todos os dias para avaliarem o Brasil e mandarem uma carta para eles: a nossa avaliação não combina com a avaliação de vocês. O Brasil vive, realmente, um momento privilegiado de, eu diria, estabilidade e de credibilidade política.

Eu estou convencido – e aqui não há nenhuma venda barata de otimismo – e tenho dito isso aos meus companheiros do governo que é na hora da crise que a gente conhece as pessoas, porque é na hora da crise que você tem que tomar decisões, e quem está no governo sabe que as decisões são mais difíceis do que em uma empresa. Em uma empresa, se vocês quiserem tomar decisões, vocês podem mandar mil caras embora hoje, como fez a Embraer. Manda 4 mil e não presta contas a ninguém. Manda embora. No governo, para a gente mandar embora um cidadão do segundo escalão, se não tomar cuidado, você é chamado para uma CPI. No governo, para você fazer uma coisa, tem um ritual. Primeiro, o ritual da máquina, que é muito duro. Entre você decidir fazer um projeto, executar esse projeto, fazer o projeto executivo, fazer licitação, conseguir licença prévia e começar a construir a obra, você leva o tempo de construção da obra.

Eu digo para quem quiser ouvir – todo mundo fala “o Juscelino foi extraordinário”. Se o Juscelino governasse o Brasil hoje e ele quiser fazer Brasília, ele ainda não teria conseguido a licença ambiental para fazer a pista, para ele descer com o aviãozinho dele lá. Não tinha. Eu fui deputado – e aqui tem muitos deputados – e eu sei como funcionam as coisas. Durante vários anos, o Brasil desaprendeu a construir, a máquina pública desaprendeu a fazer as coisas positivas e nós fomos criando mecanismos cada vez maiores de fiscalização, ou seja, menos execução e mais fiscalização. Um banco como o BNDES... Eu brinco muito com o Luciano Coutinho, e quem conhece o Luciano



Coutinho sabe da figura excepcional que ele é. Eu brinco sempre e falo: Luciano Coutinho, o problema do BNDES não é que não tenha técnico competente. Tem, dos melhores do Brasil, tem poucas instituições qualificadas como o BNDES. O problema é que nos últimos 15 anos vocês desaprenderam a emprestar dinheiro. Vocês foram preparados, não para discutir projetos de investimento, mas para discutir saneamento de empresas para serem privatizadas.

Então, é preciso reconstruir essa máquina. É por isso que nós colocamos R\$ 100 bilhões a mais no BNDES. Você, Horácio, que muitas vezes levou muitos empresários da Fiesp lá no Rio de Janeiro para pegar o dinheirinho do BNDES, tem consciência de que a melhora foi excepcional, tanto na qualidade do atendimento quanto na quantidade de dinheiro que nós disponibilizamos para o BNDES. Eu tenho cobrado do meu amigo Luciano, todos os dias: Luciano, eu não quero que uma empresa desista por causa de dinheiro. Também, entre entrar com o pedido de dinheiro, ele ser aprovado e você botar a mão no dinheiro, eu vou contar para vocês uma coisa... É como se fossem aquelas galinhas garnisé que gostam de chocar o ovo, ou seja, demora. E demora por quê? Porque também nós criamos obstáculos. Hoje, um servidor público da Caixa Econômica Federal, um servidor público do BNDES, do Banco do Brasil, que liberar uma verba qualquer e sobre ele recair uma suspeita, ele é processado, seus bens são disponibilizados e ele tem que contratar advogado com o seu próprio dinheiro. Então, o que ele pensa? “Esse Lula vai ficar mais quatro anos aí, e ele quer que eu faça isso? Não, eu vou deixar aqui, tirar de uma gaveta, colocar em outra gaveta, passar para outra gaveta, termina o mandato dele, vem outro...”

A minha impressão, para vocês que são jovens, que estão aqui na Klabin, um dia talvez vocês queiram ser políticos - se eu o Pessuti somos, por que vocês não podem ser? Vocês podem. A impressão que eu tenho é que o governo é a máquina do trem, e a máquina pública é a estação. Então, de hora



em hora passa uma máquina, grita, faz barulho: “eu vou mudar, eu fazer isso, eu vou fazer aquilo”, e a estação está lá, impávido colosso. Aí passa um trem, vem outro, faz mais fumaça, mais barulho, e a estação está lá. A estação é a máquina pública, ela é definitiva, nós é que somos passageiros. Então, ela está preparada para trabalhar em um ritmo que não é o ritmo de quem tem um mandato de quatro anos.

Posso dizer para vocês: ao contrário do que muita gente fala, a minha surpresa é que a máquina pública brasileira, do ponto de vista da formação e da qualificação, é uma máquina pública extraordinária. O que tem de gente qualificada... Se você for ao BNDES, na Caixa Econômica, no Banco do Brasil, no Itamaraty, nas Forças Armadas brasileiras, no Banco Central, no Inpe, no Inpa, se você for a essas instituições, no Ministério do Planejamento, na Previdência Social, tem técnicos da mais alta qualificação. Mas eles ganham pouco. Ao contrário de serem chamados de “marajás”, de se vender a idéia de que todo mundo ganhava muito, que de vez em quando alguém comete no Brasil, de achar que a máquina pública ganha muito dinheiro, você tem técnico...

Eu vou dar um exemplo: um cidadão que ganhava R\$ 26 mil por mês, na Petrobras, que eu aprendi a achar que ele era “marajá”, ele foi contratado recentemente por uma empresa privada para ganhar R\$ 400 mil por mês, com dois anos de salário adiantado. E eu achava que ele ganhava muito, ganhando R\$ 26 mil na Petrobras.

Quanto é que ganha um diretor do Banco Central, para lidar com bilhões? Quanto é que ganha o pessoal do Planejamento? Quanto é que ganha um jornalista que trabalha no Planalto? O máximo, quando é DAS-6, chega a R\$ 10 mil, o bruto. Qualquer jornal de estado pequeno paga quase a mesma coisa para o seu principal jornalista. E se vendeu a idéia de que a máquina é uma máquina muito cara. O que é cara no Brasil não é a máquina, é a ineficiência. Como era muito mais barato a gente alfabetizar na década de 60,



do que (incompreensível) a quantidade de analfabetos que nós colocamos. Era muito mais fácil ter feito a reforma agrária na década de 50, quando o mundo inteiro fez, do que fazê-la agora. Então, nós perdemos dezenas de oportunidades. E eu vim aqui para dizer que a Klabin não perdeu nenhuma oportunidade. Em toda chance que ela teve, ela fez os investimentos.

E agora, a gente - que já tinha sobrevoado de avião ali e visto uma plantação enorme de pinus e eucalipto, misturada com florestas naturais - agora está aqui diante de uma floresta de bobinas de papel, que eu espero que possa encher a China dessas bobinas, encher os Estados Unidos, encher a Europa, porque eu acho que é o momento de o Brasil ser mais ousado. Mais ousado, mais tihoso.

Os meus companheiros da Federação das Indústrias do Paraná, de São Paulo, sabem que eu vivo aperreando eles. Porque tem um tipo de representante, tanto de trabalhadores quanto de empresários, que vivem de esperar a reunião do Copom, a cada 45 dias, para fazer um pronunciamento. Isso, no tempo do Fernando Henrique Cardoso era assim. No meu tempo é assim. Mas essa brincadeira, já vão oito dele, e oito meus, são 16 anos. A gente não pode passar 16 anos fazendo a mesma coisa.

Eu tenho desafiado os empresários brasileiros a olharem para o continente africano. Nós não vamos fazer uma feira de máquinas agrícolas em Amsterdã. Não vamos vender nenhuma. Não vamos fazer uma feira de máquinas agrícolas em Hamburgo, na Alemanha. Não vamos vender nenhuma. Mas se a gente fizer na América Central, a gente vende. E se a gente fizer no continente africano, a gente vai vender muitas máquinas, muitas bobinas, muitos sapatos, muitas camisas, muitos carros. Nós temos o privilégio de ter apenas o oceano Atlântico nos dividindo, e nós ainda ficamos achando que o nosso negócio é com os Estados Unidos e com a Europa? O nosso negócio com eles já está estabilizado, embora cresça a 20% ao ano, a chance de crescer muito é menor, porque todo mundo quer vender para os Estados



Unidos. É como, Pedro, você chegar a um baile e ter 50 homens e apenas uma mulher bonita: todo mundo vai querer dançar com a mulher. Ou se tiver 50 mulheres e um homem só bonito, aquele homem vai ser o preferido, e todo mundo vai querer dançar com ele.

Os Estados Unidos são a musa preferida do comércio, todo mundo quer vender para os Estados Unidos, mas eles não podem comprar de todo mundo, e tem outros competidores. Agora, e o continente africano? Vocês sabem de quanto que nós saímos, em cinco anos, depois daquela visita toda que nós fizemos aos Países Árabes? Nós saímos de US\$ 8 bilhões de exportações para US\$ 20 bilhões de exportações, isso em quase três anos.

Todo mundo sabe o que aconteceu na América do Sul. Todo mundo sabe o que aconteceu na América Latina. A gente ficava de costas viradas para a América Latina, querendo vender para a Dinamarca. Quando nós nos voltamos para a América Latina, nós demos um salto excepcional na nossa balança comercial. E eu não acho que tem que ter política excludente, não. Eu quero vender mais para os Estados Unidos e vender mais para a Europa, mas eu quero vender muito mais para quem nunca comprou de nós, para um continente que daqui a 25 anos estará com 700 milhões de habitantes, e um continente que está aprendendo a conviver democraticamente.

Então eu queria terminar dizendo para vocês... Olha, Márcio - você, que fez o discurso aqui em nome dos trabalhadores – eu acho que nós não temos outra saída no Brasil, senão acreditarmos que a educação e que o investimento em ciência e tecnologia são condição *sine qua non* para que o Brasil dê o salto que os nossos avós prometeram, que os nossos tataravós prometeram, que nós prometemos para os nossos filhos, de o Brasil se transformar no país do futuro.

Quando eu venho visitar uma fábrica como esta e vejo uma máquina como aquela - e vocês me disseram que quase 70% das peças, das coisas são feitas aqui no Brasil - eu fico imaginando: quem, quem não respeita o Brasil, a



não ser nós mesmos? Quem não acredita no Brasil, a não ser nós mesmos? Porque tem um tipo de gente que se não tiver uma coisa ruim para falar, coisa boa ele não fala. Quem é político, aqui, sabe o seguinte: todo mundo sabe que eu não gosto. Eu me levanto de manhã e não leio nenhum jornal, não me peçam para ver porque, senão, a azia explode. Tem determinados momentos em que você sai do Brasil e vai para a Espanha, sai do Brasil e vai para Londres, sai do Brasil e vai para Nova Iorque, leva a imprensa brasileira, e ao chegar lá, lê a imprensa de lá falando sobre o Brasil. Não tem nada a ver uma com a outra: uma está vendendo otimismo sobre o nosso país, e a outra está vendendo pessimismo sobre o nosso país. Possivelmente, nenhuma das duas estejam totalmente certas ou totalmente erradas. É preciso saber o ponto de equilíbrio. E o ponto de equilíbrio é a nossa ação, o ponto de equilíbrio é os empresários continuarem acreditando no país, o ponto de equilíbrio é os trabalhadores continuarem acreditando que eles vão ter a chance que eles esperam ter na vida. E do ponto de vista do governo, nós vamos continuar fazendo as coisas acontecerem.

Vou terminar dizendo o seguinte: o governo não existe para atrapalhar, o governo não existe para administrar empresas. O governo existe para tomar decisões estratégicas, o governo existe para ser indutor, não um gerente. É dessa forma, meus companheiros, que eu saio da Klabin realizado, por saber que o Brasil já poderia ser líder mundial na produção de papel e celulose. Ainda não é, porque possivelmente ainda não tenhamos feito as coisas certas. Mas um país que consegue cortar uma árvore em sete anos, competir com um país que espera 60 anos para cortar a mesma árvore, é uma vergonha a gente não ser o primeiro produtor de papel e celulose do mundo, é uma vergonha. Você vai à Finlândia, que um país rico, extraordinariamente rico, onde só tem neve, eles demoram 50 anos para cortar a mesma árvore que nós cortamos aqui em 15 anos, um pinus. Nós plantamos quatro safras, e eles uma só.



Então, eu acho, Horácio, você tem o compromisso, aliás, eu acho que o pessoal seu que participa do grupo de crise, nós precisamos ser arrojados na questão de papel e celulose. Nós precisamos tentar ver o que é possível fazer. Eu sei que tem gente que é contra, mas o Brasil tem 60 milhões de hectares de terras degradadas, terras onde já se criou gado, já se plantou cana, já se plantou tudo, e agora está a terra. Nós temos 60 milhões para arborizar este país, para fazer uma verdadeira revolução de florestamento neste país e tornar o Brasil, definitivamente, o maior produtor de papel e celulose do mundo. Isso pode ser alcançado em pouco tempo.

O que me dá tranqüilidade – não é porque eu estou falando isso –, o que me dá tranqüilidade é que qualquer governo que vier a governar este país, ou ele pensa para os próximos vinte anos ou a gente vai sofrer um retrocesso muito grande neste país. Não dá para pensar até as próximas eleições, é preciso pensar um pouco mais adiante.

Por isso, parabéns à direção da Klabin, parabéns aos empregados. Parabéns, Prefeito, pelo presente, poderia ter me dado uma casa melhor, não é? Poderia ter comprado uma casa de verdade e ter me dado. Mas eu vou guardar esta como exemplo, as que nós vamos fazer aqui vão ser melhores do que esta, maiores e mais espaçosas.

De qualquer forma, meus parabéns à Klabin pelos seus 110 anos de vida.

(\$211 A)